



## **Desconstruindo pilares, construindo narrativas** Deconstructing pillars, building narratives

Edson Santos Silva<sup>1</sup>  
Letícia Freire de Moraes<sup>2</sup>  
Stela de Castro Bichuette<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende ser o princípio de uma análise que visa pensar a obra *Half of a Yellow Sun* (2006), de Chimamanda Ngozi Adichie, a partir da leitura do conceito de “suplemento”, sugerida por Jacques Derrida, em *Gramatologia* (1973). Almeja-se aproximar as características formais da obra em questão à teoria crítica, como um primeiro exercício que possa abrir espaço para reflexões a respeito dos limites da linguagem e do fazer literário.

**Palavras-Chave:** Half of a yellow sun; Derrida; Suplemento;

**Abstract:** This work intends to be the beginning of an analysis that aims to think the work *Half of a Yellow Sun* (2006) by Chimamanda Ngozi Adichie from the reading of the concept of "supplement", suggested by Jacques Derrida in *Grammatologia* (1973). It is expected to bring closer the formal characteristics of the work in question to the critical theory, as a first exercise that may open space for reflections on the limits of language and literary practice.

**Keywords:** Half of a yellow sun; Derrida; Supplement;

### **Adichie e sua trajetória literária**

“We do not usually associate wisdom with beginners, but here is a new writer endowed with the gift of ancient storytellers. Chimamanda Ngozi Adichie knows what is at stake, and what to do about it. She is fearless or she would not have taken on the intimidating horror of Nigeria’s civil war. Adichie came almost fully made”<sup>4</sup>. (Chinua Achebe)

Nascida em setembro de 1977, no estado de Enugu, na Nigéria, Chimamanda Ngozi Adichie viveu a infância e a adolescência na cidade universitária de Nsukka, onde os pais trabalhavam. Aos 19 anos, vai cursar Comunicação na Universidade de Drexel, nos Estados Unidos. Depois, segue os estudos em Comunicação e Ciência Política na Universidade Estadual Leste de Connecticut. Cursa ainda mestrado em Escrita Criativa

<sup>1</sup> Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Doutor em Letras pela USP.

<sup>2</sup> Mestranda em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

<sup>3</sup> Doutora em Letras UEL e pós-doutorada em Teoria e História Literária pela Unicamp

<sup>4</sup> Nós geralmente não associamos sabedoria com iniciantes, mas aqui está uma escritora agraciada com o dom dos antigos contadores de histórias. Chimamanda Ngozi Adichie sabe o que está em jogo e o que fazer com isso. Ela é destemida, ou não teria assumido o horror intimidador da Guerra Civil da Nigéria. Adichie veio quase totalmente pronta. Palavras do famoso escritor nigeriano a respeito do livro de Adichie *Half of a yellow sun*. Disponível em: <https://www.chimamanda.com/book/half-of-a-yellow-sun/>. Acesso em: 31 Out. 2018.

pela Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, Maryland, e em Estudos Africanos pela Universidade Yale, em Connecticut, em 2003 e 2008, respectivamente.

Apesar de escrever desde criança e ter uma série de contos e poemas publicados de maneira esporádica na juventude, foi durante sua trajetória acadêmica que a autora iniciou de fato sua produção literária. Seu primeiro romance, *Purple Hibiscus*, publicado originalmente em 2003, pela editora independente *Algonquin Books*, da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, gira em torno de temas como o fundamentalismo religioso, o conservadorismo e a violência contra a mulher. A obra já foi traduzida para vinte línguas até então e publicada no Brasil pela Companhia das Letras em 2011, como *Hibisco Roxo*, com tradução de Julia Romeu.

Seu segundo romance e objeto de estudo deste trabalho, *Half of a Yellow Sun*, é narrado pela perspectiva de três personagens que se diferem entre si em gênero, classe, raça e que enfrentam os desafios de sobrevivência e as graves consequências de uma guerra. Retratando o cenário de pós-independência e reorganização nacional da Nigéria, no período de 1960 a 1970, caracterizado pelo aumento dos conflitos étnicos e políticos no país, que tiveram como resultado o desencadeamento da guerra civil até seu término, o romance é um memorável retrato da história que fundamenta os passos das gerações nigerianas de hoje. A obra está traduzida para mais de vinte e cinco línguas até hoje e chegou ao Brasil em 2008, como *Meio Sol Amarelo*, primeiro livro de Adichie publicado no Brasil, pela Companhia das Letras, traduzido por Beth Vieira.

Sua terceira publicação, a coletânea *The Thing around Your Neck*, publicada em 2009, reuniu doze contos, sendo que onze deles foram previamente publicados em jornais, periódicos e revistas para os quais a autora escrevia. Seu último romance, *Americanah*, publicado em 2013, narra a história de um jovem casal que acaba se separando e vivendo vidas distintas, depois que a protagonista vai viver nos Estados Unidos em busca de um futuro melhor. Além de abordar as agitações políticas de um país sob a ditadura, questões raciais estão fortemente presentes na história. As duas últimas obras, a coletânea e o romance, também têm tradução para outras línguas e foram publicadas no Brasil em 2017 e 2014, como *No Seu Pescoço* e *Americanah* respectivamente. Ambas as traduções também são de Julia Romeu, pela Companhia das Letras.

Ainda em 2014, Chimamanda teve um dos seus mais famosos discursos adaptado e publicado no formato de ensaio sob o mesmo título, *We Should All Be Feminist*. No mesmo ano foi lançada a tradução no Brasil pela Companhia das Letras, com o nome *Sejamos Todos Feministas*. Por fim, em 2017, Adichie publica outro pequeno livro, *Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions*, publicado primeiramente em sua página do Facebook, em 2016. Esse ensaio é a adaptação de uma carta aberta a sua amiga, em resposta a um pedido para que Adichie a ajudasse a criar sua filha como uma feminista. A publicação teve grande repercussão e proporcionou à autora maior oportunidade para discutir papéis de gênero e padrões socioculturais ainda tão enraizados nas culturas em geral. No Brasil, ele se chama *Para Educar Crianças Feministas: um Manifesto* e foi publicado pela Companhia das Letras no mesmo ano.

Grande observadora das emoções e relações humanas, a autora tem usado a visibilidade internacional que sua produção literária atingiu como ferramenta para iniciar debates a respeito de assuntos de extrema relevância ao redor do mundo. Algo que contribuiu para a sua notoriedade enquanto ativista e escritora são os dois célebres discursos proporcionados pela organização não governamental e sem fins lucrativos TED (*Technology, Entertainment and Design*), comprometida a veicular ideias e promover debates a respeito de assuntos globais, que estão disponíveis em vários idiomas.

*The Danger of a Single Story*<sup>5</sup>, um dos vídeos mais assistidos entre todas as conferências da organização, com mais de 16 milhões de visualizações, está disponível no site da fundação, com legendas para quase cinquenta idiomas e continua a ser difundido e estudado até hoje. Ele foi proferido em 2009, na conferência TED Global em Oxford, e discorre a respeito do que acontece quando pessoas e situações são reduzidas a uma única narrativa, quando os aspectos culturais de determinado lugar e/ou pessoa são limitados por estereótipos que surgem a partir destas histórias únicas, que não abrangem o conjunto heterogêneo de histórias que formam cada pessoa e as reduzem a uma coisa só, tendo como consequência um processo de desumanização do indivíduo.

Além das publicações literárias e de cunho feminista, a autora também se posiciona politicamente, tendo apoiado abertamente a candidatura de Hillary Clinton nas eleições presidenciais norte-americanas, e participado da *Women's March on Washington*, após a eleição do atual presidente. Seus artigos, crônicas, ensaios e entrevistas atuais abordam assuntos políticos e colocam em questão as ameaças recentes à democracia, tanto nos Estados Unidos como em seu país de origem. Ela já colaborou com publicações em jornais de grande circulação, como *The Guardian*, *New Yorker*, *New York Times*, *Financial Times*, *Vanguard* e outros. Atualmente a escritora ministra oficinas de escrita em Lagos, Nigéria, onde ela também tem morada, mas divide seu tempo entre a Nigéria e os Estados Unidos, participando internacionalmente de entrevistas, debates e conferências que exploram assuntos diversos. Adichie é casada e tem uma filha de três anos.

### **Em busca da outra metade**

*Half of a Yellow Sun*, segundo romance de Adichie e objeto de estudo deste trabalho, tem como temática principal a Guerra Civil da Nigéria, também chamada de Guerra de Biafra. A trama se passa no intervalo de tempo entre o início e o fim dos anos de 1960 e retrata todo o processo de reestruturação nacional da Nigéria pós-independência, bem como os acontecimentos que dele decorrem. Nascida sete anos após o fim da guerra, tendo crescido sob o regime militar que sucedeu o fim do confronto, Adichie não deixa de ressaltar, quando questionada a respeito da guerra e de fazê-la tema da sua obra, que sempre teve interesse pela história dos seus

---

<sup>5</sup> "The Danger of a Single Story", TED: Ideas Worth Spreading, 2009. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story). Acesso em: 31 Out. 2018.

ancestrais, pelos aspectos que construíram a história de sua família e de sua nação. “I was really writing this book for my grandfathers who were died in the war, I was writing it for my family, for myself”<sup>6</sup> (ADICHIE, 2013). O tema da guerra, ainda hoje, é um assunto delicado e difícil para a nação nigeriana. No entanto, é notório que os acontecimentos históricos e as consequências do passado, como tragédias, confrontos e guerras, são temas que funcionam como base para elaborar e entender o presente quando colocados em perspectiva.

It frustrates me that we choose, in Nigeria, to ignore our recent history. I am often asked why I write about Biafra, as though it is something I have to justify. Imagine asking somebody to justify writing about the Holocaust. We do not just risk repeating history if we sweep it under the carpet, we also risk being myopic about our present. I was never taught about the war when I was in primary or secondary school - so if children today are not being taught that, how can they put what is happening today in perspective? How will they make connections that will enable them begin to understand what Nigeria is and why it is the way it is?<sup>7</sup> (ADICHIE, 2003)

Por ser largamente fundamentado na história, o romance apresenta várias referências que funcionam como marcos para que o leitor acompanhe cronologicamente os fatos e possa se posicionar temporalmente nos acontecimentos da época. Além disso, está dividido em quatro grandes partes, que se alternam entre início e fim dos anos 60, deixando evidente o período em que a trama acontece e em que momento os eventos se dão. É o rumo da história que dita o caminho da narrativa, moldando a vida dos personagens, suas emoções e suas decisões. No entanto, as informações históricas aparecem como pano de fundo, não como aspecto principal, revelando-se ao longo das discussões, ideias e dos pensamentos dos personagens. “Adichie portray the war as a backdrop for interpersonal ethical questions”<sup>8</sup> (HAWLEY, 2008, p.15).

A narrativa acompanha a vida de cinco personagens principais, as inter-relações que estabelecem e como são afetados pelas dificuldades provenientes da guerra. Cada personagem vive os conflitos externos e internos a seu modo, com diferentes níveis de intensidade. Também encaram os embates oriundos das relações humanas que estabelecem, agregando às suas constituições, enquanto personagens, um forte

<sup>6</sup> Eu realmente estava escrevendo esse livro para os meus avós que morreram na guerra, eu estava escrevendo-o para minha família, para mim mesma. “Chimamanda Ngozi Adichie Interview: The Right to Tell Your Story”. Louisiana Channel, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dNEubO-Jmx8&t=1096s>. Acesso em: 31 Out. 2018

<sup>7</sup> Frustra-me que escolhamos, na Nigéria, ignorar nossa história recente. Muitas vezes me perguntam por quê escrevo a respeito de Biafra, como se fosse algo que eu devesse justificar. Imagine pedir a alguém para justificar escrever acerca do Holocausto. Não apenas nos arriscamos a repetir a história se a varreremos para debaixo do tapete, como também corremos o risco de sermos míopes com relação ao nosso presente. Nunca me ensinaram a respeito da guerra quando eu estava na escola - então, se as crianças de hoje não estão sendo ensinadas, como é que elas podem colocar o que está acontecendo hoje em perspectiva? Como elas farão conexões que as permitirão começar a entender o que é a Nigéria e por que ela é da forma que é? In the Footsteps of Achebe: Enter Chimamanda Ngozi Adichie, Nigeria's Newest Literary Voice', by Ike Anya, Sentinel Poetry, online magazine, Outubro, 2003. Disponível em: <http://www.sentinelpoetry.org.uk/magazine1103/page11.html> Acesso em: 31 Out. 2018.

<sup>8</sup> Adichie retrata a guerra como pano de fundo para questões éticas interpessoais.

senso de humanidade. Desse modo, há um proposital equilíbrio entre a história e a ficção, demonstrado pela mútua relação de dependência entre elas, imprescindíveis para a compreensão da obra enquanto arte e enquanto história. “If fiction is indeed the soul of history, then I was equally committed to the fiction and the history, equally keen to be true to the spirit of the time as well as to my artistic vision of it”<sup>9</sup> (ADICHIE, 2006).

A forma como Adichie permite que o contexto dê luz à visão política dos personagens e dos leitores, mostrando o lado sombrio da guerra, a perda, a divergência e a destruição, mas também revelando traços humanos fundamentais como a crença, a esperança e a autodeterminação, é uma das características mais marcantes na obra. Escrever e fazer das histórias humanas e do amor o centro da própria compreensão do mundo é o que ela sugere como força motriz ao fazer arte, ainda que admita que até mesmo o amor seja político. No entanto, mesmo sabendo dos anseios da escritora ao criar essa obra, o que fica bastante evidente na leitura de *Half of a Yellow Sun* é a maneira como a linguagem está arranjada de forma a unir o ético com o estético, visando levantar questões a respeito do que foi o momento histórico da Guerra de Biafra, suprindo a falta de diálogo com relação a esse assunto, bem como dar novos caminhos de sentido pelo jogo da linguagem literária e pelos elementos estéticos que denunciam seu caráter reflexivo, “rastros de que o texto literário, ao tentar dizer o social, deixa pistas que ele também fala de si mesmo” (GOMES, 2017, p.558).

Como já mencionado, o romance se passa na Nigéria pós-independente, entre o início e o fim da década de 1960, tendo a trama dividida em quatro grandes partes que se alternam entre o início dos anos sessenta, “The Early Sixties”, e o final dos anos sessenta, “The Late Sixties”. A primeira e a terceira parte se passam no início dos anos sessenta; a segunda e quarta parte começam no final dos anos sessenta. Em virtude do ir e vir da cronologia, caracterizado, respectivamente, pelo período pós-independência e primeira república, e o período de início dos conflitos e da guerra, acontecimentos ficam suspensos na primeira parte e só são retomados na terceira parte. Assim também funciona com a segunda e quarta partes.

Os saltos no tempo, além de exigirem do leitor certa diligência e atenção para conectar episódios pendentes de uma parte à outra, funcionam também como um equilíbrio de emoções entre um período carregado de ideais revolucionários, repleto de esperança e confiança em uma causa, em contraposição a um período de desestabilidade, medo e horror da guerra. A mudança no tempo ajuda a sobrepor as causas imediatas da guerra com seus efeitos diretos, tanto em larga escala pública como nas vidas privadas e, assim, ajuda a indagar a respeito das múltiplas questões políticas e ideológicas que a guerra apresenta<sup>10</sup> (PLAIAS, 2013, p.42).

Outra característica importante nessa obra é que há uma alternância de perspectiva entre três protagonistas, que segmenta o livro em capítulos. Cada capítulo é narrado

---

<sup>9</sup> Se a ficção é, de fato, a alma da história, então eu estava igualmente comprometida com a ficção e a história, igualmente empenhada em ser fiel ao espírito da época, bem como à minha visão artística dele. “Truth and lies”, por Chimamanda Ngozi Adichie. *The Guardian*, 2006. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2006/sep/16/fiction.society>. Acesso em: 31 Out. 2018

<sup>10</sup> The shift in time and perspective helps juxtaposing the remote or immediate causes of the war with its direct effects both at a large public scale and on private lives and thus helps questioning the multiple political and ideological issues that the war presents.

sob o ponto de vista de um desses três personagens. Ao todo, somam-se trinta e sete capítulos, distribuídos entre as quatro grandes partes: seis capítulos na primeira parte, doze capítulos na segunda parte, seis capítulos na terceira parte e treze capítulos na quarta e última parte.

Além da construção estética do livro e da focalização narrativa, ainda há na obra de Adichie outra característica fundamental para a discussão neste trabalho, que é a existência de recortes do que seria um livro dentro do próprio livro. Apesar de não ser apresentado com trechos do livro em si, escritos em primeira pessoa, há um narrador que tem conhecimento e contato com o livro, relatando a respeito do processo de elaboração do mesmo e que se faz crer ser redigido por um escritor que supostamente é um dos personagens do romance.

Esses recortes são inseridos ao final de determinados capítulos do livro maior, aparecendo, na maioria das vezes, logo após os capítulos nos quais a focalização está em Richard, o jornalista inglês. Todas as partes estão enumeradas, contabilizando oito trechos, e possuem o título: “The Book: The World Was Silent When We Died”, o que gera suspense no leitor que, invariavelmente, é surpreendido pelas passagens ao longo da leitura.

Chimamanda Ngozi Adichie usa da escritura, do estético, dividindo e alternando a cronologia, multiplicando as focalizações e brincando com os sentidos da narratividade, quando implicitamente aponta questionamentos a respeito da autoridade da autoria, apresentando um livro que escreve a respeito do próprio livro, trabalha com o processo de circularidade da escrita que levanta indagações quanto à prática literária em si. Essa característica faz com que se possa ler a obra de Adichie à luz do desconstrutivismo. Os limites da linguagem são colocados à prova pela própria prática estética. Assim, pelo mecanismo esquemático da escritura e da estrutura, pelo “jogo das remessas significantes que constitui a linguagem” (DERRIDA, 1973, p.8), o texto literário expõe e denuncia as ausências e os silêncios da própria escrita literária.

Ao inserir um livro no livro principal e trabalhar com as aberturas e possibilidades que o texto apresenta, Adichie desconstrói a ideia de autoria, “inscrevendo-se na lógica derivativa da escritura” (SISCAR, 2009, p.202). É por esse viés que se pretende analisar a obra, explorando a maneira como a linguagem é arranjada para construir uma história, visando revelar a existência de estruturas da linguagem dentro da literatura que contradizem a própria lei da não contradição.

### **Perceber e desconstruir: a desconstrução em Derrida**

A discussão proposta pela obra de Jacques Derrida, que, em geral, alcançou não só o campo filosófico, mas também outros campos do conhecimento, desenvolvendo-se ricamente no meio literário, tornou-se polêmica por articular um forte questionamento ao que se pressupunha a respeito dos princípios da metafísica ocidental, conceitos como o logocentrismo, o fonocentrismo, presença e origem, por exemplo, estabelecendo-se, também, como questionador do estruturalismo em voga, na época. O uso de conceitos e interpretações declarados e aceitos como “normais” passam a ser brutalmente relativizados por suas propostas.

A partir da famosa conferência de Derrida, proferida em 1966, que posteriormente se tornou um ensaio escrito, *A escritura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, suas ideias difundiram-se em outros campos do conhecimento, encontrando grande aderência no campo da teoria literária. A proposta de Derrida, em tal circunstância, mirava a necessidade de se atentar para as significações que os princípios da metafísica ocidental sucumbiram, ao longo dos séculos, em prol de seu projeto autoritário e unificador, fundamentos como, por exemplo, o logocentrismo, a ideia que presume que a linguagem seja autêntica e capaz de produzir um significado fixo e exato (GOULART, 2003, p.2).

A crença de Derrida de que “tudo aquilo que se quer patentear como verdade é, ao final, resultado de uma articulação linguística que está sempre marcada pela indeterminação e pela ambiguidade” (GOULART, 2003, p.9), mostra a crítica à filosofia ocidental como um todo, e revela ainda que o verdadeiro objetivo de sua proposta é “*incluir*, no campo da vivência do sujeito, todos aqueles elementos e sentidos que a lógica *excluiu* de nossa intuição consciente. Vê-se, assim, que o filósofo trabalha com a perspectiva do resgate de perdas que tiveram lugar na dimensão explícita do discurso textual” (GOULART, 2003, p.9).

Expor tais pressupostos é afirmar que não há tal harmonia, ordem, origem e estabilidade nos discursos que fundamentam o pensamento ocidental em sua totalidade, visto que a linguagem, enquanto articuladora de tais ideias e, segundo Saussure, definida por um sistema no qual os significados são produto de uma relação de diferenças entre fonemas, não garante uma relação específica e absoluta entre o signo e o objeto que representa. Segundo Goulart (2003, p.3), pode-se constatar nessas ideias rastros de outras concepções filosóficas que ecoam e podem ser sentidas em Derrida, como, por exemplo, a filosofia de Husserl na busca pela essência das coisas e na compreensão de que o mundo só ganha sentido pela consciência, sendo produto da significação. Em Derrida, essa ideia se transforma na busca pela evidência; a evidenciação das imperfeições e das lacunas presente nos pressupostos que movem a humanidade, principalmente nos discursos que constroem e mantêm as hierarquias.

Segundo Derrida, o que nos faz pensar que o mundo se apresenta na forma de conteúdos logicamente estabelecidos, contendo suas verdades, é um simples pressuposto de que a realidade apresentada é, de acordo com os princípios da lógica, coerente e, por isso, verdadeira. [...] É preciso ter em mente que nossa consciência tem uma intuição do mundo que está além da lógica e a lógica só pode atuar depois que intuimos aquilo que nossa consciência captou (GOULART, 2003, p.5-6).

Nesse sentido, a busca pela evidenciação se transforma na desconstrução que sutilmente desmancha princípios e postulados tradicionais, com a finalidade de investigar internamente a estrutura dos textos, visando descobrir o que os indícios das proposições encobrem e revelar a arbitrariedade desse sistema de valorizações binárias. “Essa estrutura deixa ver, na sua superfície, uma espécie de voz monolítica que quer se fazer a expressão da verdade, algo definitivo e irrefutável que sufoca inúmeras outras vozes que são impedidas de ecoar” (GOULART, 2003, p.10). A partir

disso, pode-se notar que o trabalho da desconstrução move-se no sentido de abandonar os centros reguladores do pensamento, privilegiados pela tradição.

Segundo essa reflexão a respeito da desconstrução, pode-se pensar que a construção estética e a forma como o livro de Adichie se estrutura, bem como os arranjos da linguagem que enriquecem a obra ao jogar com os sentidos construídos pelo leitor, podem ser analisados pela perspectiva desconstrutivista com o conceito de “suplemento” de Derrida, presente em seu livro *De la Gramatologie*, de 1967. O que se defende neste trabalho é que o fechamento do romance, com uma particularidade a respeito da autoria do livro que está dentro do livro, abre espaço para a interpretação de que a trama maior, o livro *Half of a Yellow Sun* em si, é a história contada pela voz de um dos personagens, que não o personagem sugerido pelos jogos da linguagem ao longo da história.

### **Algumas considerações**

A lógica desconstrutivista não trata de inverter ou negar a ordem, mas sim promover um questionamento da própria hierarquia que privilegia uns sobre os outros, que subordina e exclui o outro lado que é, na verdade, também parte de si nesse sistema. Com esse primeiro passo, pretende-se partir para um aprofundamento a partir da Crítica Desconstrutivista proposta por Derrida, em *Gramatologia* (1973), tendo como perspectiva o conceito de “suplemento” que ajuda a pensar na maneira como a literatura e a teoria literária se apropriam dessas contribuições desconstrutivistas para pensar sua própria prática.

### **Bibliografia**

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Half of a yellow sun**. Lagos: Farafina, 2006.
- \_\_\_\_\_. **The danger of a single story**. TEDGlobal. TED: Ideas worth spreading. 2009. Disponível em:  
<[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story)>.  
Acesso em: 31 Out. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Truth and Lies**. The Guardian, 2006. Disponível em:  
<<https://www.theguardian.com/books/2006/sep/16/fiction.society>> Acesso em: Out. 2018.
- ANYA, I. **In the Footsteps of Achebe: Enter Chimamanda Ngozi Adichie**, Nigeria's Newest Literary Voice (interview with Chimamanda Ngozi Adichie). Sentinel Poetry, Issue 12, Nov. 2003: Disponível em:  
<<http://www.sentinelpoetry.org.uk/magazine1103/page11.html>> Acesso em: Out. 2016.
- CHIMAMANDA Ngozi Adichie Interview: **The Right to Tell Your Story**. Louisiana Channel. Youtube. 2 Set. 2013. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=dNEubO-Jmx8>> Acesso em: 31 Out. 2018.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.



- GOMES, C. M. A circularidade da escrita de Lygia Fagundes Telles. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 557-570. Set-Dez 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2017000300557&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2017000300557&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 Nov. 2018.
- GOULART, A. T. **Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida**. Dissertação de Mestrado elaborada pelo Programa de pós-graduação em Letras Literatura e Língua Portuguesa da PUCMINAS, Minas Gerais, 2003.
- HAWLEY, John C. Biafra as heritage and symbol: Adichie, Mbachu, and Iweala. **Research in African Literatures**, v. 39, n. 2, verão 2008, p.15-26.
- PLAIAS, M. **'The Danger of a Single Story' in Chimamanda N. Adichie's Half of a Yellow Sun**. 2013. MA Thesis, Universidade de Padova, Itália, 2014.
- SISCAR, Marcos. A desconstrução de Jacques Derrida. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. revista e ampliada. Maringá: Eduem, 2009. p. 201-210.